

Uma introdução sobre o conceito de educação na historiografia medieval: o exemplo do reino visigodo no século VII

Rodrigo dos Santos Rainha

Mestre Programa de Pós-graduação em História Comparada – UFRJ

Resumo:

O objetivo deste artigo é discutir os possíveis entendimentos de educação, em especial nos estudos sobre Idade Média. Esta comunicação visa apresentar a pesquisa que estamos desenvolvendo junto ao Programa de Pós-graduação em História Comparada, recentemente aprovada no exame de Qualificação. Neste texto apresentaremos as bases de nossa pesquisa, privilegiando a apresentação de nosso problema, hipótese e fontes, para que seja possível o entendimento de nossa proposta de pesquisa. Nuanças sobre nosso quadro teórico e balanço bibliográfico, que constam no primeiro capítulo da dissertação, não serão abordados em profundidade, para adequação ao tamanho deste trabalho às regras do congresso.

Dessa forma buscamos refletir sobre as perspectivas usualmente adotadas pelos historiadores dedicados ao assunto, que focam seus estudos nas estruturas formais, em especial as escolas, apontando opções e caminhos para o desenvolvimento do tema.

Palavras-Chave: Historiografia, Visigodos, Educação.

Introdução:

Esta comunicação pretende indicar algumas formas alternativas de tratar o tema da educação no campo da História, em especial na abordagem sobre a Idade Média. O interesse pelo assunto faz parte da organização de nossa dissertação de mestrado, em que o apoio da sociologia tem tido função impar em nosso trabalho.

Desenvolvemos esta pesquisa junto ao Programa de Pós-graduação em História Comparada, e vinculado desde a graduação, feita também na UFRJ, ao Programa de Estudos Medievais orientado pela professora Leila Rodrigues da Silva.

Na graduação tivemos como principal enfoque a análise da produção intelectual no reino visigodo na primeira metade século VII, com a utilização de um conjunto de cartas trocadas por Braulio, bispo de Saragoça, neste período.

Ao ingressar no mestrado optamos por uma proposta mais ampla e ao mesmo tempo específica, que estivesse relacionada a produção intelectual, mas que possibilitasse um aprofundamento das discussões então apresentadas, desta forma, nossa escolha foi pelo estudo da educação na Península Ibérica no mesmo período.

Nosso problema tanto na confecção da dissertação, como o que expomos neste trabalho, é a questão sobre o entendimento do que é educação e sua forma de aborda-lá nos estudos sobre Idade Média, uma vez que ao nos determos na historiografia produzida sobre o assunto, muito pouco é abordado na educação como um conceito, que pressupões nuanças complexas e produz a existência de sistemas educacionais.

Influenciados pelas ciências sociais e pelas novas discussões sobre educação propomos a aplicação do conceito nos estudos da Idade Média, mesmo admitindo sua carga contemporânea não podemos deixar a mercê da História os estudos produzidos pelos centros intelectuais sobre o assunto, pois, assim como teóricos que dedicam suas vidas ao tema, é possível, a nós historiadores, aproveitar a maturidade das reflexões contemporâneas para uma análise do passado.

Uma vez que adotamos a idéia que o estudo sobre o passado, é inegavelmente um discurso do presente, e ainda que busquemos uma verdade objetiva sobre o período estudado, podemos para melhorar nossa capacidade de reflexão sobre o objeto histórico, como a educação, utilizando elementos teóricos que permitam problematizar os *indícios* (GINZBURG. 2001) que aparecem em nossos documentos históricos.

Neste texto apresentaremos as bases do conceito de educação presentes em nossa pesquisa, privilegiando para a compreensão deste fenômeno a apresentação breve de nosso

problema e como relacionando com as fontes o leitor possa ter uma possibilidade de análise da dinâmica de nossa proposta.

Para tal, nuances de nosso quadro teórico serão abordados, para adequação ao diálogo necessário para que este artigo possa ser útil a autores diversos que pretendam em sua pesquisa analisar a educação de seus contornos.

O problema que identificamos vincula-se a análise das relações de poder no reino visigodo, sob o prisma do episcopado, que empreendemos, especialmente sobre o papel da educação. Em nossa pesquisa notamos que o ensino assume um papel preponderante no discurso eclesiástico, passando a regular e indicar posições do clero frente à sociedade. Tal importância, no entanto, é colocada em segundo plano pela historiografia que debate sobre o período, não aventando os múltiplos sistemas educacionais utilizados pela Igreja visigoda no seu processo de fortalecimento no século VII.

Mesmo quando a historiografia dedica-se ao estudo da educação no reino visigodo, na verdade a maioria são estudos específicos sobre as escolas, a questão é destacada ora como decadente comparada com os referenciais do Império Romano; ora apesar de discutir a sua importância e características, minimiza o papel dos processos educacionais como fator relevante nas relações de poder.¹

Estas explicações, muito recorrentes na historiografia espanhola, no entanto, não dão conta do processo de transformação cultural acontecido no período. Não me refiro ao Renascimento Isidoriano,² mas sim, uma clericalização ocorrida no reino visigoda, em um momento que a Igreja assume identidade e funções próprias.³

¹ Sobre a educação, ou melhor, no prisma destes autores, escolas, devemos destacar em uma visão historiográfica, autores como José Orlandis, Diaz y Diaz, Dominguez Del Val, Martin Hernandez, Henri Marou, Jaques Paul e Pierre Riché. Apesar de suas visões e abordagens diferentes sobre as escolas, o que tem ligação com a própria tendência que já destacamos no início desta discussão, com referência a historiografia francesa e espanhola, identificamos em seu texto uma mesma linha lógica: a diferenciação entre escolas episcopais e monásticas, sendo as primeiras administradas pelos bispos, e instaladas na residência do mesmo. Em relação a estas escolas, devemos enfatizar o caráter pessoal marcado na relação entre mestre discípulo; as segundas segundo Martin Hernandez, tem como característica serem mais rígidas em suas práticas, tinham como principal objetivo formar os monges. Apesar disso, como salienta Diaz y Diaz, provavelmente influíram na formação de laicos, em especial de membros da nobreza das regiões próximas.

² Alguns autores consideram que durante o século VII o reino visigodo, em virtude da grande produção intelectual do bispo Isidoro de Sevilha, passou por um Renascimento Cultural que levou o nome de seu principal membro.

³ Entendemos o processo de clericalização da sociedade visigoda, o momento de expansão dos referenciais relacionados à Igreja, empreendido pelos membros do episcopado. Vale ressaltar que a referência não é de um *habitus* comum a ser partilhado por todo o reino, mas sim que os membros da elite do campo religioso vão afirmar seus argumentos ora como modelo, ora como sistema explicativo do mundo. É importante salientar, que não podemos, nem pretendemos, aventar o efeito em toda sociedade, da divulgação deste discurso episcopal, mas sim reconhecer a intenção da legitimação da Igreja, essa sim passível de ser apreendida, uma vez que durante o século VII, sua participação política assume cada vez papel mais intenso.

Propomos, então, uma análise sobre a educação, que a considere um processo amplo e complexo, e aludindo sobre a sua importância junto às relações de poder, especialmente no que concerne a busca de fortalecimento do episcopado visigodo. Para tal, estudaremos os escritos relacionados a um bispo de uma região importante e com participação destacada neste momento do reino, característica que permite que identifiquemos Bráulio de Saragoça como um porta voz autorizado deste grupo.

Nossa pesquisa trata justamente da forma como o episcopado buscou viabilizar a construção da unidade eclesiástica e a legitimação do *campo religioso*. A este processo relaciona-se diretamente o estabelecimento e controle da multiplicidade dos sistemas educacionais.

Para que fosse possível a análise por este viés, optamos pela revisitação das fontes para a produção desta dissertação. Apesar de não desprezarmos os trabalhos desenvolvidos pela historiografia, e as suas principais fontes de pesquisa para fazê-los, leia-se; Concílios II, IV e VI de Toledo, a Hagiografia sobre os santos padres emeritenses e um texto de autoria desconhecida chamado *institutionum disciplinae*,⁴ na busca de diversificarmos esta abordagem trataremos um conjunto de cartas, a hagiografia sobre a vida de Emiliano e os concílios da primeira metade do século VII.

⁴ A autoria do documento *institutionum disciplinae* é atribuída por J. Fontaine e Pascal como da autoria de Isidoro de Sevilha, mas esta informação é refutada por Manuel Diaz y Diaz. (DIAZ Y DIAZ. 1991)

A Educação na Historiografia

Analisando especificamente os estudos sobre a educação na Idade Média, podemos identificar didaticamente como forma de análise três correntes de pensamento sobre o assunto: uma escola de tradição francesa sobre o assunto e que tem trabalhos variados sobre o tema como Jaques Le Goff, Jaques Paul, Pierre Riché e Marrou; uma tradição espanhola que começa em Perez de Urbel e tem nomes como Diaz y Diaz, Del Val e Martin Hernandez; além de uma tradição nacional sobre o assunto como os trabalhos do professor Ricardo Castro.

O que estamos colocando esta questão especialmente é o fato de ao analisarmos os estudos da educação na Idade Média, nos defrontamos com uma visão quase que automática de todos os autores ao tratarem do assunto: educação é sinônimo de ambiente escolar oficial.

Alguns exemplos não são difíceis de serem explicitados, como o trabalho de Jaques Le Goff sobre a formação das Universidades na Idade Média.(LE GOFF. 1992) Para o autor a construção das Universidades atende a uma demanda específica de uma sociedade em transformação, mas sua estrutura se relaciona com as antigas escolas estabelecidas nos mosteiros e sedes episcopais.

Em uma linha próxima, até seguindo o caminho de uma escola francesa sobre o assunto devemos salientar as obras de Jaques Paul, Henry Marrou e Pierre Riché. Esses autores, especialistas em educação na Europa ocidental tanto em História antiga como medieval, são bastante críticos em seus trabalhos e apresentam dois eixos norteadores principais: primeiro existe a procura pelo que era ensinado nas escolas, em especial a origem das matérias escolares, a mudança dos conteúdos, e existe um grande foco inclusive nas sete artes liberais; o segundo eixo é a estrutura física das escolas, quem as organiza e onde, destaque para Riché que inclusive relaciona essas instituições com as esferas de poder. Estes trabalhos são muito importantes no estudo da educação, mas matem a tradição de não abordar o conceito, mas sim fazer uma análise das escolas e seus conteúdos.

Falando especificamente sobre nosso tema de pesquisa, a educação no reino visigodo, identificamos este tema como um dos mais presentes na historiografia espanhola, tendo na sua vertente mais antiga como representante Pérez de Urbel, mais próximo a nossos dias, os trabalhos de Diaz y Diaz, Dominguez Del Val e Martin Hernandez, todos tratam o tema sob a procura das origens e da organização das escolas no reino visigodo, abordando suas origens, os tipos de presença na Península em organizações monásticas e episcopais. Evidentemente

que os temas e abordagens são muito diversos entre estes autores, mas o que pretendo destacar é que entre eles continua não existindo a aplicação de educação como conceito, como processo, para seu entendimento e análise.

Mesmo no Brasil, especialistas como o professor Ricardo Castro,(CASTRO. 2003) tratam de uma abordagem que se pressupõem mais complexa, no entanto seu eixo principal permanece nas matérias aplicadas nas escolas, focando uma atenção especial sobre o desdobramento das sete artes liberais nos escritos de Ramon Llull e Al-Farabi. O autor parte para um sentido mais filosófico da educação buscando o entendimento que os medievais tinham sobre o assunto: “Na Idade Média, a *Educação* era vista como um instrumento para se alcançar a *Sabedoria*, que conseqüentemente, levaria o homem à *Felicidade*, um bem desejado por si mesmo e mais perfeito que todos os outros bens” (Al-Farabi, 2002: 43-44).

Este tipo de análise, mais uma vez salientamos, é importante as nossas reflexões sobre o assunto, tem uma carga importante da história das mentalidades e suas transformações em um hemisfério de História Cultural. Nos questionarmos sobre os elementos que nortearam a educação e seu entendimento no período são preponderantes para pesquisa, mas no entanto, não menos do que a necessidade de teorizar sobre o que é educação e entender o sistema complexo que se estabelecia em torno desta no período histórico abordado.

Nesta comunicação nosso interesse é ampliar o leque de possibilidades explicitando na abordagem de um tema tão contemporâneo sob a luz pesquisas teóricas atuais. Assim, o que pretendemos, mesmo reconhecendo as especificidades de cada período, é optar por um caminho diferente do tradicional da historiografia. Para tal primeiro destacarei o entendimento do conceito no qual as informações perpassam tanto a estrutura formal das escolas, como as formas não institucionalizadas de ensino, mas não por isso menos importante.

Destacaremos então como possibilidade de análise, entre outras possíveis a análise de um teórico, que apesar de partindo de referenciais completamente diversos oferecem-nos um sistema possível do estudo da História Medieval no modelo que estamos propondo: Pierre Bourdieu

Educação: propostas de abordagem

Acreditamos que a educação tem um sistema de intencionalidade, coerção e consonância com os objetivos do grupo que a comandam o sistema educacional, que é fundamental para que este ensinamento perpassa toda a estrutura social. Quando tratamos de educação, abordamo-la como a tentativa de estabelecer um conjunto de valores e hábitos próprios, no caso de nossa pesquisa específica aos cristãos, sejam eles leigos ou clérigos.

Assim a educação na Idade Média pode ser reconhecida e analisada nas hagiografias, regras, sermões, cartas, hinos entre outros. Destacamos que muitos destes textos podem ser sublinhados por seu caráter didático, no sentido propriamente catequético.

O conceito de educação, atualmente tão discutido e abordado, é-nos importante, pois mostra-se passível de ser utilizado na abordagem histórica. As reflexões teóricas sobre o assunto, pela visão de autores diversos, apresentam como ponto em comum a característica de identificar o espaço da educação como um espaço de poder, e dessa forma o trataremos.

Na teoria da ação de Pierre Bourdieu (BOURDIEU. 1989) o autor destaca a necessidade de uma análise que apreendesse de um lado uma estrutura que direciona o papel do sujeito, sem, no entanto abandonar sua subjetividade e sua ação.

Para entendermos a teoria do sociólogo francês devemos ter claro três conceitos:

- *habitus* (ORTIZ, 1979) ressalta que um grupo é regido por práticas comuns que têm o papel de integrar, fundamentar e legitimar determinados interesses. E podemos verificar este conceito como o elo integrador, que aproxima estes elementos em torno de um conhecimento comum, suas práticas e formas de obtê-las
- O *campo* um espaço que agrupa os membros que compartilham do mesmo *habitus* mas que é marcado por disputas entre dominantes e dominados. É importante salientar que os campos são marcados pela disputa em todos os seus segmentos, não existindo a visão dualista de dominantes e dominados, pelo contrário, o campo sobrevive e se modifica pela constante ação dos seus membros por meio dos confrontos entre os diversos dominantes e dominados.
- O *capital simbólico* são bens que são válidos no mercado interno de cada *campo*, e são disputados por seus membros como forma de ascensão na estrutura social. Este capital reflete-se como um todo no *campo* a partir que um grupo terá maior legitimidade junto à sociedade a partir do momento em que os seus *bens simbólicos* sejam conhecidos e reconhecidos pelos demais campos.

Neste modelo de pesquisa a educação transforma-se em um processo de rito de entrada nos diversos campos da sociedade, faz parte da assimilação do próprio *habitus*. Assim podemos identificar como educação um processo inerente a diversos espaços da sociedade. O autor a relaciona com um sistema de legitimidades no interior dos campos de poder. Sua leitura é importante pela relação feita pelo autor entre a educação, a cultura e o poder.

Devemos destacar ainda, que a educação tem um caráter especialmente reprodutor da realidade, afastando-se do caráter transformador que esta poderia assumir.

Uma segunda possibilidade da observação da educação está em vê-la atrelada a afirmação do poder simbólico. Este conceito pressupõe o reconhecimento do poder e do prestígio de um determinado campo, no momento em que seu *habitus* é reconhecido e assimilado pelos demais campos da sociedade.

Este tipo de concepção aplicado a Idade Média nos permite em especial entender o processo de fortalecimento e afirmação da própria Igreja, uma vez que o processo empreendido pelos membros do episcopado, foi uma busca pelo controle do monopólio do principal bem simbólico eclesiástico, que é a salvação, mas a divulgação de referências que permitiram tanto a participação de membros do clero, como a aproximação de nobreza e dos meios rurais da Igreja, reconhecendo seu poder.

Nossa proposta então é associar a esses conteúdos é entender a educação de uma forma que vislumbre estes conhecimentos, mas que permita-nos extrapolar os muros da educação formal. Assim, este processo pressupõe a intencionalidade do educador como base. Assim educar significa: ensinar, no sentido de passar um conteúdo/conduita que o outro deve seguir; qualificar, para que o outro possa ter acesso a locais específicos e só os que alcançam esta nova posição são aqueles considerados de alguma forma aptos; esclarecer, como forma de desfazer dúvidas e fornecer “luz” a questões obscuras; mas também, vigiar, na medida que o educador fornece ao educando pressupostos de comportamento, permite ao grupo dos primeiros o controle frente ao não cumprimento dos comportamentos recebidos; disciplinar, uma vez que o detentor do conhecimento passa a ser o delimitador das regras, permitindo-lhe portanto a punição quando do não cumprimento.

Neste processo, à luz de uma educação religiosa que identificamos como objeto de nossa pesquisa, os aspectos relacionados acima ganham dimensão mística e controle onipresente do seu discurso, já que o maior controlador é o próprio Deus, e o posto a ser galgado é o paraíso ou o rebaixamento ao inferno. A hagiografia, por exemplo, inserida neste

espaço de poder, ensina aos seus leitores e ouvintes, na busca de qualificá-los ou edificá-los como cristãos, ao mesmo tempo em que pune aqueles que não seguissem o caminho indicado.

A compreensão desse fenômeno requer, entre outras preocupações, a identificação e análise dos aspectos que entendemos como fundamentais na composição dos sistemas educacionais visigodos, como por exemplo: as escolas, a pregação e os aconselhamentos eclesiásticos. Em particular nos interessar-nos-á a forma como os processos educacionais extrapolam o caráter formal das instituições, passando a serem disseminados para os demais campos sociais.⁵

Em seguida destacaremos a relações de poder no reino visigodo e a participação da educação na intermediação destas. Com enfoque especial sobre como na argumentação episcopal a Igreja funciona como um guia, um grande mestre a ser seguido, e ainda como para dentro do campo a disputa por uma posição é pautada em referenciais especialmente educacionais.

Optamos por um *corpus* documental que se centra especialmente nas obras de Bráulio de Saragoça. A escolha deste autor deve-se à possibilidade de analisarmos como se caracterizavam os processos educacionais e suas funções nas relações de poder a partir do “exemplo”. Sua inserção na sociedade, além dos documentos a ele relacionados, permite que o tratemos como um porta voz autorizado do episcopado visigodo.

Para fundamentarmos nossa proposta devemos dialogar com fontes diversas, o que indicaremos brevemente a seguir. Nossa proposta baseia-se na utilização de materiais pouco recorrentes para analisar a educação.⁶ Optamos por um *corpus* documental que se centra especialmente nas obras de Bráulio de Saragoça. A escolha deste autor deve-se a possibilidade de analisarmos como se caracterizavam os processos educacionais e suas funções nas relações de poder. Sua inserção na sociedade, além dos documentos a ele relacionados, permitem que o tratemos como um porta voz autorizado do episcopado visigodo, dado sua posição de bispo de uma região estrategicamente importante no reino.

⁵ É importante destacar que os demais campos da sociedade ao “consumirem” o bem da *salvação* difundido pelo episcopado, e que está impregnado de seu *habitus*, não assume este para si, mas sim passa a reconhecê-lo e tomá-lo como modelo, processo este que está intensamente vinculado ao poder simbólico que a Igreja assume no reino visigodo.

⁶ No estudo das escolas e educação no reino visigodo os espanhóis que se dedicaram a este caminho utilizaram sempre fontes parecidas: Concílios II, IV e VI de Toledo, a Hagiografia sobre os santos padres emeritenses e um texto de autoria desconhecida chamado *institutionum disciplinae*, atribuído por Fontaine a Isidoro de Sevilha, com algumas variações direcionadas para a vida de Frutuoso quando o objetivo são as escolas monásticas. Estes trabalhos direcionam normalmente a um estudo sobre a forma das escolas, suas matérias, mas pouco, muito pouco sobre a função destas escolas.

O epistolário deste bispo contém um conjunto de quarenta e quatro cartas enviadas e recebidas pelo autor e que apresentam como fatores importantes sua relação com seu mestre e professor Isidoro de Sevilha,⁷ assim como com seus discípulos e alunos Tajon de Saragoça e Eugênio de Toledo, além do aconselhamento a outros eclesiásticos e nobres.⁸

O filólogo Luiz Terrero Riesco é o responsável pela tradução mais recente do epistolário, editada em 1974, considerada como a de melhor qualidade já organizada, uma vez que assimila o cuidadoso trabalho de transcrição feito por Madoz das fontes originais.

A vida de Emiliano, hagiografia escrita pelo bispo, é composta por uma carta que a precede, em que o autor explica a seu irmão, que é o destinatário, como utilizar este material e sua função. Em seguida a vida do santo em questão, Emiliano que é da geração imediatamente anterior à Braulio, e é tratado por esse, como o “Santo Bispo.” A “*Vita de S. Aemilian*” tem importância pela possibilidade de análise do discurso na pregação eclesiástica, já que o próprio autor explica que o fez de forma sucinta com a finalidade de ser lido durante a celebração da missa.

Dois traduções serão utilizadas para sua leitura: a do padre espanhol Toribio de Miguela feita no de 1976, em um trabalho organizado pela fundação S. Milan de la Cogolla; A segunda, mais recente, feita pelo inglês, A. T. Fear, professor na Universidade de Liverpool, na década de 1990.

E os concílios que Bráulio participa IV, V e VI de Toledo, que são importantes pela participação destacada do bispo, assim como pelo seu caráter oficial, já que desde o III concílio de Toledo, as decisões tomadas neste fórum têm peso de lei,⁹ e normatizador uma vez que situam-se em um momento de negociação entre episcopado e nobreza.

Os concílios que utilizamos são considerados pela historiografia como reuniões convocadas pelos monarcas e tinham a principal função de afirmar a aliança estabelecida entre clero e nobreza,¹⁰ equilibrando estes dois grupos de poder por meio de um acordo.(JOSE

⁷ A principais características destas cartas são os pedidos de livros, a afirmação da saudade pela distância e a troca de presentes.

⁸ Estas epístolas tem como marcas o aconselhamento, muitas vezes ríspido, de Bráulio a seus discípulos, assim como a instrução sobre procedimentos que deveriam seguir, quando estes assumiram outros cargos eclesiásticos.

⁹ Estes concílios possuem nas suas firmas, o nome de Bráulio de Saragoça, e são importante pois, denotam a importância do autor, já que o IV Concílio de Toledo é organizado por seu mestre, Isidoro de Sevilha, e o VI é regido pelo seu discípulo Eugenio de Toledo.

¹⁰ As reuniões eclesiásticas, conciliares, aconteciam com a função de definir as resoluções da Igreja, e em alguns casos do próprio reino. Podem ser divididos em dois tipos: locais, que cuidam de assuntos da própria região e têm um caráter de tratar exclusivamente de aspectos práticos das igrejas ali reunidas, e os gerais, concílios de todo o reino, que têm um perfil marcadamente político e ofereciam diretrizes a serem seguidas por todas as comunidades eclesiásticas. Ao fim dos congressos conciliares eram escritas atas, divididas em cânones e firmadas por todos os participantes. Cf.: JOSE ORLANDIS – DOMINGO RAMOS-LISSON. *História de Los Concílios de la España Romana y Visigoda*. Pamplona: Univ. Navarra, 1986.

ORLANDIS E RAMOS-LISSON, 1986. p. 197) A tradução que adotamos é a organizada por José Vives.

O espaço de nossa análise se dá em um momento sócio-político que oferecia, ao mesmo tempo, uma certa base estruturada pelo estabelecimento a mais de um século na Península Ibérica, e um intenso processo de disputas pelo trono, e a constante busca de poder pelas aristocracias locais. Esta conformação permitiu que a Igreja além de fortalecer-se como grupo, tivesse um incremento do seu poder simbólico, leia-se dos membros do episcopado, possibilitando uma maior participação e estruturação da igreja católica no reino visigodo.

Entre as diversas formas de valorização do seu poder, identificamos por parte do clero a preocupação com o controle de diversos processos educacionais difundindo-os, realizando em suma um gradual processo de clericalização da sociedade. Seu fundamento para tal foi partir de uma lógica educacional conhecida previamente e marcada principalmente pela valorização das tradições.

Considerações Finais

Não só é possível, como desejável, para o desenvolvimento dos atuais trabalhos no campo da História utilizarmos um arcabouço teórico, muitas vezes refletidos a partir das ciências sociais, ainda que aplicado de forma criteriosa e nunca esquecendo as especificidade necessárias a área, permitem ao historiador aprimorar sua capacidade de trabalho.

Desta propomos nas análises sobre educação a adoção da conceituação do termo, assim como afastar-nos de elementos do senso comum que transformam o assunto em uma pesquisa sobre as estruturas formais de ensino.

Como forma de por em prática nossa proposta apresentamos as concepções de dois autores contemporâneos e de formas de análise diversa sobre o assunto indicando como suas concepções poder ser importantes ara as novas pesquisas do campo da História.

Nossa dissertação de mestrado, recém concluída, apresenta o estudo completo dos elementos aqui abordados, em especial a educação e as relações de poder, relacionado ao seu papel no episcopado visigodo.

Esta pesquisa, com objetivo de revisitação dos documentos históricos utilizando para tal, fontes relacionadas a Bráulio bispo de Saragoça, tratando-o como porta voz autorizado da elite eclesiástica.

Com apoio da historiografia e buscando uma releitura de elementos que constituem a educação como um conceito complexo que esteja presente para além de estruturas formais, até em tão abordadas é o nosso grande desafio. Optamos pela utilização de uma leitura teórica em torno de Bourdieu e aplicamos a nosso objeto, no entanto, esta é apenas uma das diversas possibilidades de pesquisa quando saímos do tradicional para uma leitura diferenciada de elementos introjetados no senso comum.

Assim a comprovação de hipóteses de pesquisa sobre educação tem como necessário analisar os processos de educação. No nosso caso em um estudo sobre a função da educação no reino visigodo optamos por relacioná-lo diretamente com a constituição do poder, tirando dos seus referenciais básicos e aproximando de um exemplo de membro da elite, que é educado, educa e participa da própria construção do grupo ao qual é pertencente.¹¹

¹¹ Os resultados da análise por nós proposta pode ser amplamente verificado no livro RAINHA, Rodrigo dos Santos. *A educação no Reino Visigodo: as relações de poder e o epistolário do bispo Braulio de Saragoça. (631 – 651)*. Rio de Janeiro: HP comunicações, 2007.

Bibliografia

- BARBERO, A. *La Sociedad Visigoda y Su Entorno Histórico*. Madrid: Siglo XXI, 1992.
- CÄNDIDO, M. O Poder na Idade Média: Entre a história política e a antropologia histórica. *Signum: Revista da ABREM: Associação Brasileira de Estudos Medievais*. 5. São Paulo: Fapesp, 2003.
- CASTRO, R. *A Educação na Idade Média. A busca da Sabedoria como caminho para a Felicidade: Al-Farabi e Ramon Llull*. In: *Dimensões - Revista de História da UFES* 15. Dossiê História, Educação e Cidadania. Vitória: Ufes, Centro de Ciências Humanas e Naturais, EDUFES, 2003, p. 99-115
- DIAZ Y DIAZ, M. Introducion. In: ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Madrid: Bac, 1982. p. 70 – 94.
- _____. La obra literaria de los obispos visigóticos toledanos: Supuestos y circunstancias. In: *La Patrologia Toledano-Visigoda: XXVII Semana Española de Teologia*. Madrid: CSIC, 1970. p. 45 – 63.
- _____. *Libros y Librerías en La Rioja Altomedieval*. 2.ed. Logroño: CSIC, 1991.
- _____. Problemas culturales en la Hispania tardorromana y visigoda. In: *De la Antigüedad al Medioevo. Siglos IV – VIII. III Congreso de Estudios Medievales*. [s.l]: fundacion Sanchez-Albarnoz, 1993. p. 9 -32.
- DOMINGUEZ DEL VAL, Ursicino. Características de la Patrística Hispana en Siglo VII. In: *La Patrologia Toledana – Visigoda: XXVII semana española de teologia*. Madrid: CSIC, 1970.
- GARCIA Y GARCIA, A. De las escuelas visigóticas a las bajomedievales. Semana de Estudios Medievales. La enseñanza en la Edad Media. 10. Nejara: 1999. In: *Atas...* Gobierno de La Rioja. Instituto de Estudios Riojanos, Logroño, 2000. p. 72 – 94.
- GARCIA TURZA, J. La transmisión cultural Hispan y el renacimiento carolingio. Semana de Estudios Medievales. La enseñaza en la Edad Media, 10, Najera, 1999. In: *Atas...* Gobierno de La Rioja. Instituto de Estudios Riojanos, Logroño, 2000. p. 39-48.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira. Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- _____. *Relações de Força: História, retórica e prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *Nenhuma Ilha é uma Ilha: Quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *História Noturna: decifrando o saba*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1991. p.43 - 66.
- HOMET, R. *Los Viejos y La Vejez en la Edad Media: Sociedade e imaginário*. Rosário: PUC, 1997.
- LE GOFF, J. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: edições 70, 1985. p. 59 – 62; 175 – 183.
- _____. *Para um Novo Conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980.
- _____. *Os Intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 95- 119.
- _____. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1984. p.9 -16
- MARROU, H. *História da Educação na Idade Média*. São Paulo: EPU, 1975. p. 437 – 634.
- MARTIN HERNANDEZ, F. Escuelas de Formación del Clero en la España Visigoda. In: *La Patrologia Toledano-Visigoda: XXVII Semana Española de Teología*. Madrid: CSIC, 1970. p. 66 – 100.
- ORTIZ, Renato.(org.) *Pierre Bourdieu*. Rio de Janeiro: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- RÉMOND, R.(org.) *Para uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- RAMOS TEJA. Las dinastias episcopales em la Hispania tardoromana. *Cassiororus*, 1, p. 29-39, 1995.
- VELASQUEZ SORIANO, Isabel. Âmbitos y ambientes de la cultura escrita em Hispania (s. VI): De Martín de Braga a Leandro de Sevilla. *Studia Ephemeridis Augustinianum*. Roma, n. 46, p. 329 – 351, 1994.
- SILVA, L. R. da Algumas considerações acerca do poder episcopal nos centros urbanos hispânicos – séc. V – VII. In: *História: Questões e Debates. Instituições e poder no medievo*. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em História da UFRP / Editora da UFRP, (37), p. 67 – 84, jul-dez 2002.